

ÍNDICE GERAL

	Página
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I O ESCOLAR E O NÃO-ESCOLAR: (RE)ARTICULAÇÕES SOCIAIS E DINÂMICAS EDUCATIVAS	32
1. A <i>crise</i> da escola e a emergência da educação não-formal	33
2. A educação não-formal na perspectiva da <i>educação permanente</i>	45
3. A <i>desescolarização</i> da sociedade	50
4. A crítica à educação escolar e a educação informal: os casos de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron e de Paulo Freire	59
5. Os trabalhos sobre a educação não-formal: evolução das tendências numa perspectiva anglo-saxónica	64
6. O ATL como dispositivo de educação não-escolar	73
7. A educação não-formal no processo global da educação	82
CAPÍTULO II CONDIÇÕES SOCIAIS E DINÂMICAS CULTURAIS DOS JOVENS PORTUGUESES	91
1. A juventude portuguesa como objecto de estudo	96
2. O acesso à vida activa: <i>prolongamentos</i> e <i>antecipações</i>	113
3. Tendências actuais da inserção dos jovens portugueses no mercado de trabalho	120
4. Imagens e representações da Escola	124
5. A participação social e política	132
6. Culturas juvenis e modos de vida	140
7. A sociologia da pós-linearidade: desenvolvimentos recentes em <i>Ganchos Tachos</i> e <i>Biscates</i> (J. Machado Pais)	145

CAPÍTULO III PARADIGMAS TEÓRICOS DA ACÇÃO: DA SOCIOLOGIA DA ACÇÃO À SOCIOLOGIA DA EXPERIÊNCIA SOCIAL	152
1. A reversibilidade do actor e do sistema	154
2. A apreensão subjectiva da acção em Max Weber	165
3. A crise da sociologia clássica: o actor <i>contra</i> o sistema	175
3.1. As noções de <i>prática</i> e de <i>habitus</i> em Pierre Bourdieu	176
3.2. A ideia de construção social da realidade em Peter Berger e Thomas Luckmann	179
4. A expansão dos paradigmas da acção	182
4.1. O eixo da <i>comunicação</i> : a acção é interacção e a acção é linguagem	183
4.2. O eixo da <i>racionalidade</i> : a acção é estratégia e a acção é utilidade	184
4.3. A teoria da "acção social histórica" de Alain Touraine	189
4.4. A "dualidade da estrutura" de Anthony Giddens	193
5. A noção de "experiência social" de François Dubet	198
5.1. Os princípios constitutivos da "experiência social"	198
5.2. As operações analíticas no estudo da "experiência social"	200
6. A educação não-escolar dos jovens no quadro da sociologia da acção	205
6.1. A multilogicidade do campo não-escolar	211
6.2. A centralidade analítica da "experiência social" na educação não-escolar dos jovens	221
6.3. O movimento escutista como contexto juvenil de educação não-escolar	225
CAPÍTULO IV OS JOVENS EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR	230
1. A Organização Mundial do Movimento Escutista	232
2. Baden-Powell e a fundação do escutismo	237
3. Os <i>caminheiros</i> do Corpo Nacional de Escutas	245
4. O Rover2001 como contexto de administração do inquérito por questionário	252
5. Caracterização social dos escuteiros inquiridos	255

	Página
6. A experiencição do modelo escutista: sentidos, representações e práticas	259
7. Representações sociais dos caminheiros	281
7.1. A importância do escutismo no desenvolvimento educativo e formativo dos jovens	281
7.2. A escola e o escutismo	286
7.3. O trabalho e o emprego	291
7.4. O processo de globalização	297
7.5. A juventude e as imagens juvenis	301
7.6. As atitudes face à religião	306
8. Os sentidos das práticas dos caminheiros	311
 CONCLUSÃO	 322
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 333
1. Bibliografia referenciada	334
2. Documentos referenciados sobre o escutismo	367
 APÊNDICE	 368
1. Inquérito por questionário: Drave - Rover 2001	369
 Índice de Figuras	 382
 Índice de Quadros	 383